

Cinema e favela: curtas na Maré

É necessário que a prática docente esteja sempre em movimento.

O professor é afetado e afeta os espaços escolares onde atua, sempre prestando atenção aos aspectos que atravessam seu desenvolvimento profissional. Este processo define-se, fundamentalmente, dentro de um determinado território. Destarte, de que território falo aqui?

Leciono língua Inglesa em um CIEP estadual no Complexo da Maré – um conjunto de favelas localizado na zona norte do Rio de Janeiro. Considero que, primeiramente, é fundamental a desconstrução da ideia persistente, normalmente imposta pela mídia, de que todo morador de habitações populares é um apedeuta, ou seja, alguém sem instrução. Além do espaço da favela ser sempre definido, ou representado, como uma área de ausência. De acordo com os pontos defendidos por Jailson de Souza e Silva, há também uma tendência de homogeneizá-lo e esteriotipá-lo: a favela é percebida como um ambiente de caos, além de ser uma ameaça que invade a cidade. Os seus moradores são, em muitos casos, qualificados como marginais ou como cidadãos extremamente passivos, ou seja, sem capacidade de questionamentos, resistências, ou de qualquer tipo de produção intelectual. O problema está em “isolar esse lugar do espaço urbano que ele também constitui” (SILVA, 2002, p.218), vendo-o a como externo à cidade sem quaisquer ligações com sua rotina e desenvolvimento. Assim, a arte precisa se entrelaçar às ‘maneiras de fazer’ (CERTEAU, p. 87, 2014) da favela, bem como às suas estratégias e táticas, pluralidade e criatividade.

Dentre tantas práticas pedagógicas experimentadas no chão da escola, a sétima arte foi a que mais sensibilizou este espaço de aprendizagem no qual atuo -- a elaboração de um projeto de curta-metragens, produzidos e dirigidos pelos próprios estudantes foi uma maneira bem sucedida de habilitar estes sujeitos a confiarem em si próprios e se perceberem como participantes da cidade em que vivem. Gilles Deleuze defende que "o cinema como arte das massas possa ser a arte revolucionária por excelência, ou democrática, que faz das massas um verdadeiro sujeito" (DELEUZE, 2005, p.258). Ele explicita que o terceiro mundo, onde existem nações oprimidas e exploradas, onde se permanece em estado de perpétuas minorias, há a inexistência do povo, ou seja, 'o povo falta' (DELEUZE, 2005, p.259). Hoje percebe-se que 'o povo que falta', se (re)inventa: 'na favela e nos campos, ou nos guetos, com novas condições de lutas, para as quais uma arte necessariamente política tem que contribuir' (DELEUZE, 2005, p.260). À luz desta teorização, o objetivo da produção de curta-metragens é transformar estes estudantes em protagonistas, exaltando seus processos criativos. A câmera usada é a do *smartphone*. Pode haver um sujeito sendo filmado ou não, o sujeito pode ser o próprio aluno ou uma situação vivida por um colega – a criatividade é livre. Os temas tratados/filmados por eles, normalmente, são aqueles que atravessam a rotina escolar ou que estão presentes dentro de suas realidades cotidianas (violência doméstica, feminicídio, racismo, tráfico de drogas, etc.). Logo, a escolha fílmica (como gravar? quem gravar? o que gravar? onde gravar? por que e para que gravar?) é um ato político que os leva a entender um aspecto importantíssimo: a questão não é como sair das ou deixar as suas comunidades, mas buscar maneiras de constatar como funciona o território que os engole; e a partir daí, questioná-lo para poder modificá-lo e/ou modificar-se.

O mundo cinematográfico transformou a sociedade: recriou

experiências estéticas e mudou os modos de olhar o mundo. Dentro da escola, as películas engendram discussões nas quais os 'aprendentes' podem dividir suas convicções entre si e com os professores. Logo, ensinar é aprender com a experiência do olhar do outro. É buscar maneiras de desenvolver a 'escuta sensível da alteridade' (COUTINHO, 2013, p.21) e, conseqüentemente, entendermos que existem formas outras de criar produções audiovisuais (além daquelas impostas pelo show hollywoodiano). O complexo da Maré torna-se, então, um set cinematográfico e os estudantes protagonistas que ali atuam se compreendem pelas lentes de suas câmeras. Entra em cena um roteiro cheio de potencial emancipatório e de ressignificação da vida social dentro da própria favela.

Sobre o autor

Aline Regina Cardozo de Brito é professora das redes estadual e municipal do Rio de Janeiro. Especialista em Linguística Aplicada pela UFF e em Orientação Educacional pelo IFHT-UERJ. Atualmente, é mestranda do Proped e membro do grupo de pesquisa Culturas e Identidades no cotidiano.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, M. Fazer com: usos e táticas. In A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- DELEUZE, G. Cinema, corpo e cérebro, pensamento. In A imagem-tempo: Cinema 2. 1ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- SILVA, J. S. Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos. In Território, Territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial. 1ed. Niterói: PPGEC UFF, 2002.
- OHATA, M (org.). O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade. In Eduardo Coutinho. São Paulo: Cosac Naify, 2013.